

CLEPUL  
*em Revista*

26

Julho de 2017

**Milán Füst, *A História da Minha Mulher. Apontamentos do Comandante Störr*, tradução de Ernesto Rodrigues, Lisboa, Cavalo de Ferro, 2017. ISBN: 9789896232368**

**A felicidade pelo ciúme**

Budapeste é uma cidade magnífica: reunindo Óbuda, Buda e Peste (1873), dedica o final do século às celebrações do milénio da fundação pátria (1896), que, no caso do urbanismo e arquitectura, passam, ainda, para a primeira década de Novecentos. Temos, assim, desde esta data, a primeira linha de metropolitano no Continente (sucendendo a Londres), que acompanha uma das mais belas avenidas europeias, Andrásy út, que um intervalo ideológico designou como Avenida da República Popular da Hungria; e, *ex libris* sobre o Danúbio, o edifício do Parlamento (1904). A mistura de estilos trazia surpresas diárias, enquanto a sociedade vienense, à imitação de Sissi, gostava de flunar na Ilha Margarida. A grande Hungria subia da Transilvânia, antigo foco de lutas independentistas contra o Turco e Habsburgos, à

Eslováquia, donde provinha o poeta nacional Petöfi Sándor (1824-1849), tão admirado por Antero de Quental, ou onde nascia Márai Sándor (1900-1989). A todo esse fulgor assiste o jovem Füst Milán (1888-1967), e ao renascimento literário desde 1905 liderado por Ady Endre, com *Új Versek (Poemas Novos)*. É a melhor geração de poetas: nascidos entre 1883 – Juhász Gyula (1937), Babits Mihály (1941) –, 1885 (Kosztolányi Dezső, 1936), 1886 (Tóth Árpád, 1928), 1887 (Kassák Lajos, 1967) e 1888 (Füst Milán, 1967), confirmam a europeização das letras húngaras empreendida por Ady Endre (1877-1919), de vivência parisiense, onde assimilava o simbolismo e decadentismo finisseculares, antes de produzir a mais importante revista, *Nyugat (Ocidente, 1908-1941)*, que agrupou as correntes literárias e artísticas que

favoreciam as vanguardas do tempo.

Não só: se os nomes dos pintores, historiadores, linguistas, matemáticos e físicos pouco dirão aos nossos especialistas, talvez conheçam o psicanalista Ferenczi Sándor, os cineastas Korda Sándor e Kertész Mihály, seguramente os compositores Kodály Zoltán e Bartók Béla (cujo Barba-Azul tem libreto pelo esteta do cinema Balázs Béla), o esteta marxista Lukács György... Que revista portuguesa seria capaz de conjugar tal variedade, e qualidade? Mas não havia só uma *Nyugat*, tantas as revistas que a acompanhavam; e um Lukács não perdia cursos de Georg Simmel em Berlim, ou não deixará de dialogar com Karl Jaspers, Max Weber e Ernst Bloch. Tal vitalidade, ignorada entre nós, só dispersamente vai sendo percebida, ou porque traduzi o romance *Cotovia*, de Kosztolányi,

ou porque mal ecoou um Kassák também vertido (comparável a Almada-Negreiros), e a minha *Antologia da Poesia Húngara* (2002) é uma simples gota num oceano por desbravar.

Já, então, escrevi que Füst, dramaturgo e poeta de anseios clássicos, com largos haustos de memória bíblica, deveria ficar, pelo menos, como autor de *A feleségem története* (*A História da Minha Mulher*, 1942), em que um marinheiro, num monólogo libérrimo e dizer descuidado, narra as vicissitudes da vida com esposa frívola e treda. É, depois de *A Sonata a Kreutzer*, do seu admirado Tolstói, o grande romance do ciúme na literatura ocidental. Editado aos 70 anos (1957), Füst morre sete anos depois, meses antes da atribuição do Prémio Nobel, para que estava falado; o futuro Nobel Kertész Imre (2002) começaria por ganhar o prémio... Füst Milán.

Na selecção húngara de que me incumbiu o velho Amigo Manuel Hermínio Monteiro para a sua *Rosa do Mundo – 2001 | Poe-*

*mas para o Futuro* (Assírio & Alvim, 2001), já incluíra «A aparição», cujos versos finais nos transportam para a atmosfera do enorme romance aqui apresentado:

*Oh, Vladimir Ilitch, pode-se ajudar o ser humano? Em vão eu te convoco – É com a Primavera mais profunda a sombra e mais profunda a noite e não há resposta nos vales deste mundo.*

*Em vão aqui me sento e espero há muito aparição, aqui, onde nada mexe, só tua imagem me acena de quando em vez e teus olhos tristes piscam, e tua gigantesca obra.*

A íntima interrogação, permanente, nos apontamentos do comandante Störr é a de um sujeito antigo, em seus valores clássicos desejados regulares e nórdicos (é holandês), face à movência de jovem esposa francesa, irregular como os novos tempos, «Fugidia, inapreensível», qual a vida humana: «Pode alguém ter espírito ou humor e em tudo buscar o dever e a lógica, numa palavra, querer perceber o mundo, esta textura incompreen-

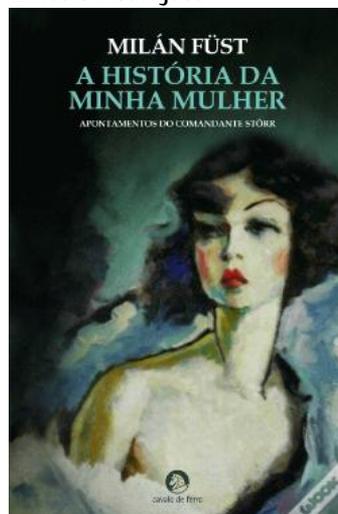
sível e vertiginosa, por meio da razão?» São incompreensões aos pares que entrecrocamos na alma-barco à deriva: «esse incompreensível e estranho mundo de onde provenho», diz o narrador, cujo pai «não gostava muito de devaneios», sendo ‘devaneante’ esta escrita. Ou o *adornar* da vida – entre enfeitá-la e quase naufragar – a que obedece um discurso de extremos e violentos contrastes: «E que, uns dias antes, eu ainda fosse tão feliz com ela... Esse facto quedava submerso por um nevoeiro incompreensível – sonho indistinto em que já nem se acredita. Aliás, para quê a felicidade? Talvez seja essa, em nós, a maior obsessão.» No meio de um denso nevoeiro de ciúme, sem solução, ele resolve-se pelo abandono; preso, todavia, a farrapos de realidade que o texto dissemina, vem desaguar num sonho-aparição da mulher, cuja morte confirmada o liberta. No poema «Halottak éneke» (Canto dos mortos), pedira, já, que a «grande aparição» dele se apoderasse, para saber qual o seu fim – de

vida ou de artista. Se uma lírica de opostos (velhice-juventude, etc.) corrobora, não menos interessante é o seu verso livre, branco, de ligações à distância, numa poesia nacional de tradição rimada e bem medida. Distância, também, em relação a temas pátrios, seja no teatro (estreado em 1915), no romance de estreia *Ádvent* (*Advento*; 1920), encenando um tribunal inglês, ou em contos mais recentes. Os principais cenários, agora, são Paris e Londres, e só por milagre deparamos com parcas leituras, abandonadas, desse gigante, ou uma referência à francesa C.G.T. – *Confédération Générale des*

*Travailleurs*, que nos remetem para um quadro de entre-guerras mundiais. Avanços e recuos na linha da história, lembretes de vida e narrativos, conformam crónica algo caprichosa de quem (a exemplo do autor) vive retirado, imune a juízos, até impune de um homicídio. Essa irrealidade, não raro impressionista em descrições atmosféricas, assenta na acumulação de pormenores e repetição de momentos. O à-vontade, senão desalinado, das notas torna a crónica quase *arcaica* (a exemplo dos valores antigos), esforçando-se por, na interposta e limiar conjugação copulativa e, dar um sentido, e ligar-

–se, à vida. Neste ponto, e noutros lugares-comuns de uma redacção solta, a tradução segue a letra e o espírito do original.

**Ernesto Rodrigues**



**Padre Manuel Antunes, *A anatomia do presente e a política do futuro: Portugal, a Europa e a Globalização*, com organização e introdução de José Eduardo Franco, Lisboa, Bertrand Editora, 2017. ISBN: 978-972-25-3435-2**

Mestre de mais de 15 mil alunos, entre os quais se contam grandes nomes da nossa sociedade (Marcelo Rebelo de Sousa, Fernando Dacosta, Barata Moura, Jaime Gama, en-

tre muitos outros), o padre Manuel Antunes legou-nos mais de 400 artigos que escreveu quer para a *Brotéria*, quer para outras publicações – um acervo de uma riqueza incom-

parável sobre Portugal, a Europa e a globalização, de um pensador que soube ver à frente do seu tempo.

Nesta coleção de textos que recupera e comple-

menta a recolha realizada para o célebre *Repensar Portugal*, reencontramos com os grandes testemunhos da reflexão antuniana, muitos de carácter prospetivo, que mantêm hoje uma atualidade plena.

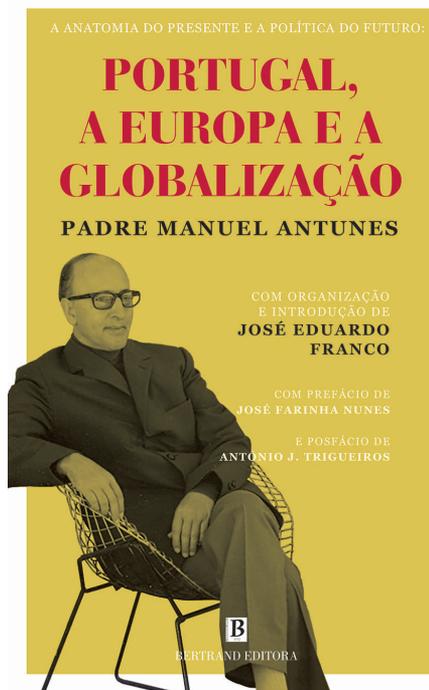
Manuel Antunes soube antecipar, nos anos 60 e 70 do século XX, com uma argúcia e lucidez extraordinárias, algumas das derivas, problemas e desfechos da vida portuguesa e internacional do século XXI e do Futuro que se avizinha. Surpreendem-nos hoje questões, reflexões e propostas que são eminentemente relevantes para repensar Portugal, a Europa e o nosso mundo, numa época marcada por um horizonte de tremenda incerteza.

«Nos auspiciosos e utópicos anos 60 e 70 do século XX, Manuel Antunes emergiu como um intelectual da cidade e do mundo com um pensamento político e social inovador, prospetivo. Antunes era um hermenauta fino do presente e um pensador político do futuro.

Na verdade, o P.<sup>e</sup> Manuel Antunes (1918–1985) legou-nos um pensamento muito sagaz e avançado sobre Portugal e a Europa, na relação com o mundo em processo de globalização. A reflexão antuniana está patente num número significativo de textos, alguns deles com carácter prospetivo, que ainda hoje podem ser lidos com grande proveito, pois mantêm uma atualidade plena. Aliás, Manuel Antunes soube antecipar, nos anos 60 e 70 do século XX, com uma argúcia e lucidez extraordinárias, derivas, problemas e desfechos da vida portuguesa e internacional. Hoje, surpreendem-nos questões, reflexões e propostas que bem podem ajudar-nos na urgência de repensar Portugal, a Europa e o nosso mundo neste ano de 2017, marcado por um horizonte de tremenda incerteza. Desde 2005 a esta parte tem-se destacado, com várias iniciativas em Portugal, o legado do professor jesuíta, considerado um dos maiores mestres e o sábio mais múltimo e original do sé-

culo XX português, entre as quais a edição crítica da sua obra completa em 14 volumes pela Fundação Calouste Gulbenkian, entre 2005 e 2012, o congresso internacional realizado também nesta Fundação, em 2005, e a construção de um jardim dos saberes na Sertã, um espaço monumental e uma estátua para perpetuar a sua memória.

[...]



A sociedade, a política e a cultura ocidentais constituíram uma preocupação recorrente da reflexão de Manuel Antunes, procurando compreender e fazer compreender uma civilização na demanda de sentido: “A análise sucinta realizada parece levar à conclusão de que o Ocidente anda à procura de si mesmo, da sua própria alma. Nessa procura, o risco maior estará em se cair num sincretismo generalizado, ou em se continuar a promover uma civilização sem Absoluto”. O P.<sup>e</sup> Manuel Antunes desenvolveu uma vasta reflexão multidisciplinar, desde a área dos estudos clássicos à das relações internacionais. No conjunto dos textos de análise dos modelos de relações internacionais, os países europeus e a questão europeia propriamente dita, posta em torno dos seus diferentes blocos e do projeto de construção da Comunidade Económica, que entretanto começava a ganhar dimensão, são temas a que Manuel Antunes dá especial atenção, e sobre os quais traça perspetivas

e emite pareceres. [...] Declaradamente Manuel Antunes mostra-se favorável a um projeto de unidade europeia que não seja um mero concerto político entre nações, e vai mais longe, apontando como meta a edificação de uma “Nação europeia”. Duas perguntas são apresentadas para desencadear a reflexão. Uma delas remete para a ordem da utopia e outra para a ordem operativa: “Será desejável a construção da Nação europeia?” Esta questão permite o desaguar da reflexão desenvolvida no sentido de uma resposta afirmativa. No elenco das vantagens dessa nova entidade política, acredita, com efeito, que a “formação desse complexo unificado de Estados e de povos aproveitaria ao crescimento económico, social, político e cultural dos habitantes da Grande Europa sem lhes alterar a personalidade de base, aproveitaria ao desenvolvimento dos povos do Terceiro Mundo e fomentaria a paz global contribuindo para o equilíbrio e estabilidade das suas diversas

partes”.

Nesta antevisão otimista das virtualidades da construção da unidade europeia, o autor encontra vantagens não só para a própria Europa, em matéria de paz e de prosperidade, mas também para o reequilíbrio geopolítico e geoestratégico, nomeadamente em relação aos países mais desfavorecidos. No entanto, entende que a solidez de um projeto de unidade política que venha a criar uma nação europeia só será viável se lançar alicerces efetivos nas suas origens culturais. Além, naturalmente, da cultura e da racionalidade dos gregos, a nova Europa unida deverá assentar, sob pena de condenação ao fracasso, nas colunas basilares que são o legado do “*Imperium Romanum*” e da “*Christianitas Medievalis*”.

O receio e a hesitação, em nome de uma iconoclastia laicista, em fundar a Europa unida no reconhecimento destas raízes angulares, fazendo-o antes em bases identitárias difusas, não será precisamente uma das razões fortes das atu-

ais crise e desorientação que estão a fragilizar e a atrasar o projeto europeu, em particular o estabelecimento de uma base consensual de entendimento constitucional? O próprio Eduardo Lourenço é taxativo ao apontar esta sonegação das origens como um dos fatores de bloqueamento do projeto de Comunidade Europeia. Neste sentido, advoga que “sem uma

ideia mínima do que foi a Europa, ou do que quer ser, não sei muito bem que Constituição será a sua. Deve haver o mínimo de inscrição axiológica-política que defina os contornos dessa identidade histórico-mítica que é a Europa”. [...]

Apesar do seu otimismo – que assume contornos utópicos em relação à construção de uma Europa nova, que venha a

concretizar efetivamente sonhos antigos de unidade e de paz – o P.<sup>e</sup> Manuel Antunes tem realismo suficiente para verificar as “enormes dificuldades, dentro e fora do espaço da Grande Europa”, que obstaculizam a operacionalização deste projeto. [...]» **José Eduardo Franco** [excerto da Introdução]

**Myriam Jubilot, *O Livro das Actas Ex annis 79 et 80. In loco vehementer in calorem*, Lisboa, Edição da Autora, 2016.  
ISBN: 978-989-20-7272-2**

«Quando intelectualmente motivada, a poetisa Myriam Jubilot (d’Carvalho), de avoengas algarvias e transmontanias (e outras sefardins e gaulesas) – repetimos – quando motivada, voa mais alto que qualquer um ou uma mortal... deixando-nos bem em baixo olhando para cima, contemplando seu voo recortado no céu azul forte – *cyan blue* algarvio, rumo ao Parnaso da sua inspiração poética. Nas bem alinhavadas linhas de sua escrita epis-

temológica, recorda-nos a mítica ave Fénix voando sempre mais alto sem medo de se queimar com o calor do Sol, porque sabe que vai renascer... com renovado vigor de suas próprias cinzas criativas e talentosas. Grosso modo, Myriam Jubilot (assim rubricada artisticamente) prossegue imparável sua viagem eclética coabitando humoradamente com seu contra alter-ego – a professora jubilada Fátima Domingues.

A recolha literária em

(*O Livro das Actas – ex annis 70 et 80*, substituído em latinório ‘in loco, vehementer in calorem’ é prova da excelência cultural, criativa e erudita da sua escrita, neste caso *quasi* satírica, eivada de um espírito humanista e lúcido. No fundo, e também, um ‘exorcismo’ necessário de expurgação de certas vibrações estranhas desses anos loucos *in loco*.

Por seu lado, não seria por acaso que integrada numa colecção,

pessoal de *Cadernos Literários*, esta recolha sairá a público, seguramente, confirmando-nos uma pensadora na sua pujança de maturidade intelectual.

Num mundo globalizado de futilidades, poucas serão as pessoas que nos transmitem um nível excelso como uma Myriam Jubilot, Poetisa a tempo inteiro.» Kraveirinya Mphumo [Prefácio]

«Os textos aqui expostos representam uma fuga ao instante, ao momento, uma necessidade vibrante de liberdade interior da autora. Em *5X5 / 25 Poemas* de Myriam Jubilot, Travanca-Rêgo identificou “um ritual de forma aparentemente do quotidiano” – ritual que se mantém aqui, embora de forma aparentemente menos elaborada, pois estes textos têm, frequentemente, a forma de “qua-

dras”.

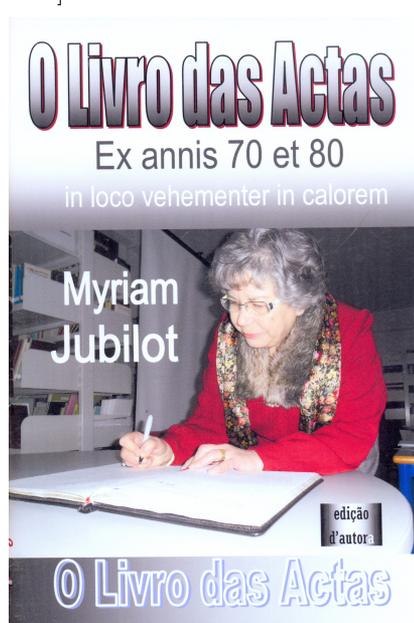
No entanto, as “quadras”, como sublinhou Fernando Pessoa no seu prefácio à sua colectânea *Quadras ao Gosto Popular*, sob a sua aparência de “poesia breve”, constituem um enunciado conciso, e conclusivo. E são a forma nata da poesia repentista, dando-lhe um tom por vezes contendente e satírico, por vezes amargo.

As quadras, na sua forma simples e fluente, captam o instantâneo, e são por isso aptas ao improviso, e ao “despique” (ou canto à desgarrada).

O grau de elaboração conceptual, com as quadras, não está na “forma”, geralmente sentida como “popular”, e “ingénua”, mas no substracto conceptual patenteado no “conteúdo”... São disso prova as apreciadas quadras de António Aleixo.

Nesta fuga ao instante

presente, a autora, muitas vezes, envereda por um diálogo imaginário com alguns dos seus pares... – daí a presença de muitas intertextualidades – a que ela prefere chamar de “mestiçagem textual”...  
Fátima Domingues [Posfácio]



Miguel Real, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Lisboa, Planeta, 2017. ISBN: 978-989-657-909-8

Miguel Real é uma figura, importa sublinhar bem, absolutamente sin-

gular no contexto actual da nossa cultura. Tendo durante muitos anos con-

ciliado o seu trabalho de professor de Filosofia das novas gerações

com o da investigação e da escrita encerrou há pouco tempo a sua missão docente para se consagrar por inteiro ao magistério da cultura quer pela criação literária, pela produção de pensamento filosófico, quer pelo ensaio literário, quer pela dramaturgia, quer ainda pela divulgação cultural e científica como conferencista e comentador muito solicitado.

Herdeiro de mestres de pólos nem sempre coincidentes que o marcaram, em que se podem balizar um Eduardo Lourenço por um lado e Manuel Antunes por outro, Miguel Real é um mestre do ensaio e ao mesmo tempo do romance. No romance é peculiar o seu percurso, pois tanto faz romance histórico, em que é notável, como romance de actualidade tendo por pano de fundo acontecimentos reais da vida política e social do nosso tempo de vida em democracia, como escreve ainda a mais avançada e mais ousada obra de ficção científica, recriando hodiernamente, *mutatis mutandis*, um atrevimento

genial daquele grande orador jesuíta português que decidiu escrever uma *História do Futuro* no século XVII. Vieira de facto escreveu sobre o futuro para melhor compreender e fazer compreender o sentido do presente e do passado.

No plano do ensaio e da produção de pensamento, o escritor Miguel Real pode ser considerado uma síntese invulgar, na nossa época apelidada de pós-moderna, de várias correntes de análise e de crítica. É um escolástico no seu afã de classificar, caracterizar, comentar e ordenar, beneficiando da sua experiência e exigência do magistério professoral, para poder explicar e fazer entender o que é complexo. É um renascentista pela sua capacidade de abarcar vários saberes e formas de produção cultural. É um iluminista pelo seu escopo de sistematizar e atingir o conhecimento universal, tendo por horizonte o ideal de capturar enciclopedicamente um conhecimento o mais abrangente possível. É um positivista na medida em

que valoriza e considera o papel do documento como prova, embora o sujeite a um crivo crítico que relativiza a sua absolutização. E é pós-moderno enquanto tem a capacidade de não absolutizar nenhuma destas propostas de método de conhecimento e análise, procurando a complexidade dilemática das questões e das conclusões que deixa em aberto. Miguel Real é alguém que pensa com os que exercitaram a nobre vocação de pensar e partilha o mesmo ofício de serviço ao pensamento sobre nós próprios, repensando tudo o que foi dito e procurando propor o que eu chamaria uma síntese aberta sobre a cultura portuguesa.

A presente obra, que Miguel Real oferece ao grande público sobre alguns dos mais relevantes traços da nossa cultura, acaba por atalhar de forma analítica, fazendo um ponto de situação, aqueles que constituem os nós górdios e ao mesmo tempo os principais “complexos” da história da cultura portuguesa.

Esses complexos, para

não dizer como sendo de algum modo também os calcanhares de Aquiles da nossa história cultural, têm merecido, ao longo da tradição e produção intelectual, diferentes abordagens e propostas hermenêuticas que configuram, definem e diferenciam correntes de interpretação. Alguns desses “complexos” são reprimidos e olhados aqui de maneira nova, em diálogo crítico com os contributos analíticos advindos de propostas de interpretação das diversas correntes de interpretação de nós próprios como país, como nação e como estado: Judeus, Inquisição, Jesuítas, Vieira, Pombal, a ideia de nação superior

e inferior, o pessimismo nacional e a decadência, o país suspenso no tempo qual lugar cultural e mental encantado, o conceito de canibalismo cultural, os grupos e movimentos “fraticidas” e “patricidas” como os miguelistas, os jacobinos, os moscas, a formiga-branca, os bufos, entre outros.

O leitor encontra em Miguel Real uma visão da nossa história e da cultura, uma análise sempre estimulante e que nos permite olhar de um outro ângulo e com uma perspectiva nova quer o que já sabíamos, quer o que desconhecíamos sobre os nossos caminhos e desca-minhos históricos e, não menos importante, o modo

como os outros que nos vêm de fora ou que nos visitam pensam de nós.»

**José Eduardo Franco**

Saudade · Viriato ·  
Decadência · Camões ·  
Padre António Vieira ·

## **TRAÇOS FUNDAMENTAIS DA CULTURA PORTUGUESA**

MIGUEL REAL Lusofonia ·  
Europa · Marranismo ·  
Fernando Pessoa ·  
História Mítica ·  
Canibalismo Cultural ·  
Estrangeirados ·  Planeta

**Juva Batella, *A Língua de Fora*, Lisboa, Nuvem de Tinta, 2017.  
ISBN: 9789896652371**

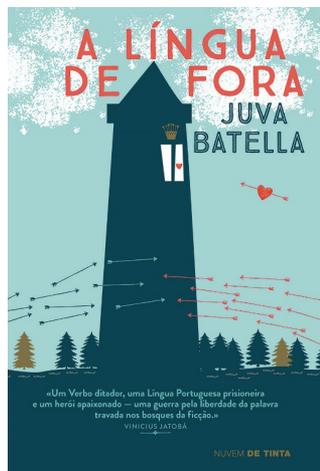
Era uma vez, num reino longínquo, um rei tirano, uma princesa prisioneira e um jovem revolucionário. À partida, este parece um romance como tantos outros. No entanto, quando a princesa prisioneira é a Língua Portuguesa, o

rei tirano é o Verbo e o jovem revolucionário é o Tom Coloquial, é legítimo desconfiarmos de que esta não é uma história de encantar vulgar. No Reino das Palavras Contadas, a luta pela libertação da língua e pela liberdade de

expressão é real – e literal! Pelo meio – como em todas as histórias –, nasce uma paixão eterna, rebenta uma guerra civil e decide-se o futuro de um idioma. Se tens dificuldade em perceber o quem é quem da gramá-

tica portuguesa, distinguir as Círias das Metáforas, o Purismo do Preciosismo e o Pleonasmo do Eufemismo, depois de leres *A Língua de Fora* tudo parecerá, pleonástica e metaforicamente, claro como água. Esta fábula sobre a formação e a evolução da língua portuguesa prende-nos à leitura, desde a primeira página, pela insuperável originalidade e pelo insólito humor do texto. Porém, mais do que isso,

mostra-nos a importância da resistência à opressão; mostra-nos o valor de todas as formas de liberdade; o valor da união. Esta narrativa é uma lição – gramatical e de vida – de que nunca mais irás esquecer.



**Susana Ventura, *Mudando: Maria, Juan, Manoela e Jun encontram uma nova amiga*, Editora Biruta, 2017. ISBN: 978-85-784-8187-2 [ebook]**

Maria é uma garota boliviana que vive em São Paulo com sua família e vai a uma escola no centro da cidade. Ela tem um caderno onde escreve histórias e pensamentos, pois pensa em ser escritora um dia. Com seus amigos Juan, Manoela e Jun, ela vive o dia a dia da grande cidade e prepara um trabalho para a escola sobre os países da América Latina. Num dia de pesquisa na Biblioteca Mário de Andrade os ami-

gos conhecem Ludmi, uma jovem haitiana que está na cidade em busca de seu pai. *Mudando: Maria, Juan, Manoela e Jun encontram uma nova amiga* é uma delicada narrativa sobre o valor da amizade e a descoberta do poder da solidariedade.



## Lopito Feijó. Entre a poesia e a doutrina

Há muito que se insinua (lembramos que a primeira doutrina se publica em *Me Ditando*:

Meditando  
 – engoli dum espinheiro  
 um grande raminho –  
 &  
 da tese concebida ao  
 prefácio por escrever  
 teço toc toc enquanto  
 toco levemente o provir  
 d'outra gestão

daí a cor do sangue  
 escasso caro irmão  
 protestante  
 que tão bem partes os  
 passeios que passeio  
 assim que passo a passo  
 me ditando!)

### Meditando

uma janela aberta para a reflexão que acompanha a *poesis* e a luta pela palavra deste *Andarilho e doutrinário* que desafia os grandes temas do conhecimento seguindo a construção do ser (angolano, africano do mundo) enquanto totalidade (ubuntu) e matéria de inflexão sobre a mudança sua inteira ética feita de palavras e das regras que as comandam

para revelar a escolha de uma única profissão: ser poeta com todas as incomodidades da alma que tal escolha obriga para responder à inquietação permanente de ser vivo que retoma os diferentes actos da palavra para os conjugar em todos os tempos que confirmam à ordem do discurso a singularidade de uma causa e ao mesmo tempo a sua inscrição no universo teórico mais vasto da filosofia servida por uma grande sensibilidade do ser em construção sempre a contramão do estabelecido e do poder dos homens e dos deuses.

Mami wata é aqui invocada na sua qualidade de ser das águas, híbrido e habitante da sombra imensa que nos rodeia. Mami wata serve de invocação e proposição como os clássicos ensinaram o poeta que o labor é da ordem do instinto mas mais ainda da linhagem da forja que tem leitura e fogo por detrás. Os seres que povoam os rios e os poemas precisam ser aquietados no vinho doce,

malavo da nossa perdição como nos explica o poeta/filósofo quando invoca o oráculo muata hady ao vento e à boca de cena porque pela invocação dos mais velhos começam todos os trabalhos. Assim reza a tradição. Da luta entre matéria e espírito inscritas na longa roda da vida não «desiste, mas insiste» em trazer para o gume do verso a reflexão sobre a vida e a morte e o sentido das coisas incansavelmente trabalhados nos poemas «houve do verbo ouvir» «do sentido dos sentidos» retomados depois quando Lopito filosofa sobre a vida e o dogma da morte. O quadro é repetido porque nas nossas terras frágeis somos apanhados pela morte um pouco mais do que pela vida e o poeta não desiste logo insiste em filosofar sobre o tema porque na linha do tempo, na tênue linha do tempo se pode encontrar um sistema de pensamento que inscreve África na ordem de pensamento do mundo: «O ser é isto... o que possui a força... o ser é a

força e esta é a essência do ser em si» disse Alexis Kagame quando explicou a ligação intangível mas forte entre seres e coisas, espaço-tempo e modo.”

O poeta segue a sua linha de pensamento a que acrescenta formas de dizer não em múltiplas cadências porque assim o exige a geração de sessenta e um, filhos da peste mas que ousaram construir os lugares onde não havia identidade e nação para que os filhos da revolta pudessem criar novos pensamentos de pertença (p. 25). Sim a utopia existiu habitada pelos seres da esperança a nacionalizar os cometas. Violência e poder autorizam os gritos aos mitos, ou a prática subversiva da complexidade enquanto fala primeira sobre o mundo. O estudo é escudo e esteio de uma nova meta física assim em duas palavras o saber dividido em partes a roubar dos gregos o que está para além e a instituir a verdadeira natureza do *corpus* e suas linhas de força visionária como se pode encontrar em meta Física (p. 41) ou no belo poema sobre os amigos e os livros:

#### HOMENAGEM AOS AMIGOS.

(poema de amor aos livros)

Estridentes na capa e no verso bem disperso  
forasteiros livros amam-  
-nos em silêncio  
habitam-nos silenciosamente descarregando  
sóbria iluminação, sem nada exigir de nós.

De quando em quando benevolentes  
parece que o sono se adeja sobre eles

e os palavrões inscritos nas lombadas  
filtram virgens nuvens paginadas  
sempre que procuramos inertes sonhar.

Os livros representam. Pensam e *repensam* seus títulos e subtítulos suas linhas e entrelinhas esperam em silêncio que os aceitemos depois na estante do firmamento e do risonho porvir.

Pacientes, mudos e eternos fluorescentes revelam a beleza, o sentido e o olhar dos cegos que somos.

É merecido o silêncio em torno dos vivos livros paridos no ardor de pura decantação refastelando nossas novas e nobres amizades!

Contra a morte e o esquecimento ergue-se a segunda parte do livro, onde se revisitam as malhas quadriculadas da memória como num jogo que recupera do colo da terra as regras básicas da semente da rega e da colheita. A pele da memória tem pregas por onde se insinua o sagrado e o esquecimento. Nomear (nomes de pessoas, situações vividas, objectos perdidos, verbos conjugados ao infinito) é saber e salvar para as gerações futuras as muitas formas da morte diária a que fomos condenados pela história e pelos deuses:

“Um fino fio de água agora rio.

um corpo carpindo cheio de frio.

fonte de luz e desvario”.

Nesta obra que podíamos dividir em várias partes: da vida; da morte; do amor e assim nesta sequência porque o amor actualiza e renova tudo, o poeta dobra a linguagem a todo um conhecimento, a arte de pensar, que a filosofia exige. É pois, de doutrina que falamos nas suas instâncias todas. **Ana Paula Tavares**

## Gli «atti» di Lucca: felice e solenne galoppata tra le piste intricate del giornalismo e della letteratura. Che talvolta s'incontrano

Per fare un libro ci vuole la carta. Per fare la carta ci vuole un albero. Per fare un albero – sappiamo da Gianni Rodari e Sergio Endrigo – ci vuole un fiore. Ci permettiamo una variante, dicendo che a volte per fare un libro ci vuole un seminario. Un buon seminario, come «Giornalismo e letteratura», che, promosso dalla Fondazione Dino Terra, si tenne a Lucca nel marzo 2015, e del quale *lo Spettacoliere* diede già conto. Gli atti dell'incontro, curati da Daniela Marcheschi, sono ora raccolti per la collana Ricerche di Marsilio conservando quel titolo: *Giornalismo e letteratura*. Curiosa la cosa: ricchi come sono di approfondimenti e spunti critici, ma anche di un certo piacere del «racconto», gli atti di Lucca finiscono coll'esprimere essi stessi – intendiamoci sui limiti dell'espressione – un'opera letteraria.

La galoppata è solenne, visto che abbraccia l'orizzonte vastissimo

dello sviluppo e anche della crisi del giornalismo e quello dalla sempiterna, forzatamente irrisolta risposta alla domanda su cosa sia la letteratura e come essa si riconosca da altre forme di espressione. Sono numerosi gli esperti che qui affrontano una delle contiguità in questo campo più intriganti, anche se da noi – avverte la curatrice, Daniela Marcheschi – «non sono purtroppo molte le ricerche, di cui l'Italianistica si può oggi avvalere, per indagare a fondo nel campo del giornalismo italiano e dei rapporti fra letteratura e giornalismo: genere quest'ultimo certo autonomo rispetto al romanzo, al racconto o alla poesia, ma anche eteronomo rispetto alla letteratura». E il noto critico cita l'esempio di «articoli-testi letterari di grandi scrittori-giornalisti come Carlo Collodi o di giornalisti-scrittori come Mario Borsa».

Lunga è la teoria di nomi che popolano quest'area di congiunzione con esiti

diversi ma sempre signoreggiando: dallo stesso Dino Terra, scrittore e critico, drammaturgo, pittore, a Luciano Bianciardi, autore de *Il lavoro culturale*, Cesare Zavattini, Curzio Malaparte, Manlio Cancogni, Guido Piovene... Impossibile, qui, elencare anche una minima parte di quei giornalisti che hanno avuto l'animo e la penna dello scrittore, e di quegli scrittori che hanno vissuto con lo spirito e l'attitudine allo sguardo nitido del cronista.

In *Letteratura e giornalismo*, queste due specie del mestiere di scrivere vengono indagate da Armando Massarenti, che parla del giornale e dei saperi e di come «organizzare» la cultura, da Franco Contorbia e Jaime Galgani, Alessandro Zaccuri, che sottolinea come da tempo letteratura e giornalismo abbiano preso «a rispecchiarsi l'una nell'altro, con un immediato vantaggio a favore della prima», Nanni Delbecchi (su Bianciardi e

Campanile), Guido Conti, che ricorda *Il Milione*, l'ultimo settimanale diretto da Cesare Zavattini, Franca Severini e Pina Paone (su Carlo Collodi giornalista e «caricaturista»), Fernando Molina Castillo (sul giornalismo letterario di Antonio Fogazzaro), Sara Calderoni, che considera come sia sufficiente un qualsiasi articolo di Mario Borsa «per rendersi conto della eminente dignità stilistica, della capacità comunicativa, della perizia tecnica, della ricchezza lessicale, della varietà dei registri», Flavio Santi e Alessandro Viti (su Si-

rio Giannini), Caterina Arcangelo, che guarda al giornalismo misurandolo tra i capisaldi chiamati etica e scrittura, Luísa Marinho Antunes, Alberto Marchi e Alberto Sinigaglia (entrambi, questi, su Arrigo Benedetti).

Letteratura e giornalismo, consanguinee repubbliche che si scambiano franchi visitatori che a volte non ritornano, preferendo in definitiva, a seconda della propria inclinazione, la libertà o gli agi che l'una o l'altra terra sembra garantire più a lungo e in maggiore sicurezza. **Piero Lotito** [texto publicado originalmente

em *Lo Spettacoliere. Note di Teatro e di Varia Umantà*]

**Letteratura e giornalismo**  
a cura di Daniela Marcheschi



ricerche Marsilio  
Fondazione Dino Terra

## LETHES ART 2017

Os temas da Memória e da Identidade têm suscitado maior interesse de disciplinas culturais e académicas distintas nos séculos XX e início do XXI e, conseqüentemente, da arte contemporânea. Da arte figurativa à performativa, as práticas artísticas abordam estes temas de formas diversas. A arte contemporânea, tanto

como objecto como prática, pode contribuir para os domínios interdisciplinares em expansão da memória e da identidade. Importante factor nas práticas artísticas e reflexões teóricas da arte contemporânea, a Memória tem sido abordada como uma forma subjectiva de história, memória colectiva, cultural e individual, en-

raizada no sujeito, o artista. Funcionando como conteúdo e como meio, pode ser o espaço de emergência de uma obra de arte ou o espaço para a sua recepção. Por outro lado, a Identidade tem sido um tema importante na produção artística, a identidade individual, social e cultural. O papel da memória como espaço

de coexistência do passado e do presente tem representado um desafio para muitos artistas nos últimos anos. Muitas dessas obras de arte são talhadas pelas memórias das culturas dos próprios artistas, as suas identidades, bem como pela história do, ou vida actual no, espaço que habitam. Questionar como a memória participa e emerge na prática artística e, em última instância, nas obras de arte, bem como a posição da memória e a sua relação com a arte contemporânea, e a sua percepção, é o desafio da curadoria e da edição do Lethes Art2017.

*Lethes Art* é um projecto artístico que promove a criação e exibição de obras de arte contemporânea de Artistas nacionais e estrangeiros em diversos locais de exposição da vila de Ponte de Lima, Município que o acolhe. O projecto almeja potenciar e facilitar a comunicação entre obras de arte, edifícios e lugares históricos da vila medieval, bem como entre o discurso artístico plural contemporâneo, os

artistas e a percepção artística de públicos interculturais. A proposta da curadoria é operar este diálogo intercultural entre artistas, obras de arte e locais de exposição com História, nesta vila, com o contributo de uma pequena, mas experiente equipa do município. A proposta conceptual da primeira edição do Lethes Art Ponte de Lima, intitulada **Memória(s) & Identidade(s)**, inspirou centenas de artistas que submeteram as suas propostas para esta mostra, nas categorias de Arquitectura, Cerâmica, Desenho, Escultura, Fotografia, Ilustração, Instalação de Arte, Livro de Artista, Pintura, Poesia, Vídeo, Computer Art, Land Art, Projection Art, e Sound Sculpture. Mário Rocha é o artista convidado desta edição.

Após o processo de selecção, regista-se a participação de cerca de 162 artistas, 22 países, num total de cerca de 300 obras, a exhibir em 15 espaços de cultura. Cada espaço de exibição conta com uma Narrativa própria, numa audaciosa pro-

posta de curadoria, que se desenvolve como linha temática do conceito geral apresentado na primeira edição do Lethes Art. Recrear uma narrativa de memória e identidade, de natureza desconstrutiva-reconstrutiva, para cada um dos espaços de exposição é a proposta da curadoria.

De suporte ao projecto, aos artistas, e à equipa, bem como à comunicação de informação e registo em área privada (Área do Artista), tem o Lethes Art a sua plataforma, que disponibiliza informação útil e notícias da mostra, continuamente. Outra das potencialidades da plataforma é visitar o mapa da vila e conhecer de forma breve a história dos vários locais de Exposição, bem como os respectivos horários de funcionamento dos edifícios e seus endereços <<http://lethesartpontedelima.com>>.

A plataforma Lethes Art oferece, também, um espaço de Leituras & Escrita, que pode contar com o contributo de textos escritos, visuais e sonoros relacionados com tópicos pertinentes no

âmbito das artes e da literatura, bem como da história e cultura limiana. Para além da informação contida e recriada no catálogo da mostra, proposta igualmente ousada da curadoria, os visitantes podem deixar-se guiar pelo roteiro da mostra, com o mapa da vila e a indicação dos locais de exposição e respectivos horários, numa possibilidade de associar o lazer e as artes, a natureza e a cultura, tão bem sucedidas quando associadas

ao turismo cultural. A inauguração da Mostra ocorreu no dia 1 de Julho na Capela das Pereiras. Motivada pela necessidade de preservar estórias pessoais e culturais na era da globalização, ou inspirada pelas lendas de Ponte de Lima, a sua história, e as imagens dos museus locais, jardins, capelas ou igrejas, as artes convocam-nos, em registos textuais, visuais e sonoros de memórias dos tempos diacronicamente plurais. Conheça a narra-

tiva construída para cada edifício – com as obras de arte seleccionadas desconstruídas e reconstruídas. **Isabel Patim** [artigo publicado originalmente no jornal *As Artes e as Letras*, nº 197, de 28 de Junho de 2017]



### **Chamada de trabalhos para o terceiro número da Revista *Épicas* dedicado a «O épico e as mulheres»**

Coordenação do número: Christina Ramalho (Universidade Federal de Sergipe), Fabio Mario da Silva (Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará/ CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Muitos estudiosos, até recentemente, associavam o gênero épico exclusivamente à escrita masculina, justificando, por exemplo, que a ênfase que o próprio gênero tradicionalmente colocou nas «façanhas» heroicas, nos episódios guerreiros, batalhas, etc., não ajudaria à apropriação/identificação com as

mulheres, numa sociedade em que a guerra, a força física, o combate e o heroísmo eram conotados com o masculino. Parece-nos evidente que essa é uma convenção de gênero que associa o feito bélico, que por séculos caracterizou o épico, à autoria e mesmo ao heroísmo masculino. Cremos que o problema,

aqui, se centra no tipo de entendimento que os críticos têm de «feminino» e do próprio «épico». Por isso acolheremos, neste terceiro número da *Revista Épicas*, propostas que analisem epopeias escritas por mulheres de diferentes países e gerações, demonstrando que a apropriação desse gênero não é de exclusividade

masculina e dando destaque às transformações da sociedade e à decorrente influência dessas transformações na própria identidade do gênero épico. De outro lado, e refletindo sobre a própria inserção da mulher na produção épica universal, também interessa a esse dossiê temático a reflexão sobre a presença do heroísmo feminino nas epopeias escritas por homens e mulheres. Assim, apresentamos dois núcleos de reflexão:

### **1. A epopeia de autoria feminina: história e desdobramentos**

Nesse âmbito, buscam-se valorizar pesquisas que tiveram como foco teórico, crítico ou historiográfico a produção épica de autoria feminina. Contribuições

diretas ou indiretas, como as de Lynn Keller, Smaro Kamboureli, Fabio Mario da Silva e Christina Ramalho, que, na contemporaneidade, abordaram a produção de poemas longos de natureza épica escritos por mulheres, poderão ser retomadas, assim como se espera a divulgação de outras perspectivas teóricas e críticas sobre o tema.

### **2. A mulher como heroína épica**

Aqui o foco desloca-se da autoria para a inserção da mulher na tradição épica como heroína. Serão bem-vindos estudos que, abordando as transformações sociais, demonstrem as novas formas de heroísmo épico, assim como as investigações que levem em conta os casos em

que heroínas mulheres assumiram formas tradicionais de heroísmo épico bélico.

O prazo para o envio de propostas de artigos (revistaepicas@gmail.com), em uma das línguas do CIMEEP, é 30 de dezembro de 2017. O limite máximo é de 40.000 caracteres com espaços. Devem vir acompanhados de um resumo em inglês e na língua do artigo. Agradecemos que respeitem as normas para colaborações, que podem ser consultadas no site <www.revistaepicas.com>. Todos os autores receberão uma resposta final do Conselho Editorial até 20 de fevereiro de 2018; e a publicação on-line está prevista para 30 de junho de 2018.

## **Congresso (Re)Visões de Fátima Auditório da Universidade Fernando Pessoa 20 e 21 de Outubro de 2017**

Ao longo dos seus 100 anos de história, o complexo mental dos fenômenos de Fátima instalou-se e floresceu na sociedade portuguesa, sem discus-

são nem alternativas, nos estreitos limites dicotômicos, maniqueístas, da aceitação ou da recusa. Gradualmente tem vindo a registar-se um cres-

cendo de curiosidade e interesse por parte de muitos investigadores e cientistas, das ciências físicas às humanas e sociais, tendendo à reflexão

ponderada em torno de questões, tanto quanto possível, objetivas e decorrentes dos episódios ocorridos desde 1917.

De facto, o acréscimo de conhecimentos científicos, com destaque para a dimensão cognitiva-subjetiva das experiências «extraordinárias» autoriza novas avaliações de territórios antes vedados à indagação e reflexão por carência de instrumentos adequados. Entretanto, algo se avançou em áreas disciplinares que não constavam do vocabulário científico de 1917, da astronomia à psicologia, da sociologia às neurociências, entre outras, fundamentais para se perceber melhor os me-

canismos dos fenómenos «aparicionais», religiosos e/ou profanos, as suas modalidades e modos de expressão/compreensão.

Assim, os objetivos do Congresso «(Re)Visões de Fátima» visam proceder a um primeiro balanço secular, multidisciplinar e multiconfessional, de fenómeno de inegável impacto social e cultural; suscitar e integrar novas evidências e interpretações comparativas das chamadas «aparições marianas» de 1917 dentro e fora do imaginário do «maravilhoso cristão»; perceber e interpretar o percurso histórico justificativo da integração teológica do fenómeno «mariano» no «corpus»

dogmático do catolicismo romano; discutir a génese e evolução dos processos de «rumor lendário» e de «mito em progresso» comparando-os com a construção da narrativa fatimista à época (1917); ultrapassar os limites reductores da crença singela e da piedade populares a que a problemática de Fátima tem estado sujeita e recolocar as suas aporias e dimensões paradoxais perante a inter-pelação científica e os seus critérios de análise contemporâneos.

Para mais informações consulte a página do congresso em <<http://congressorevisoesdefatima.ufp.edu.pt>>.



## CONGRESSOS

### 13 de Julho

Auditório da Câmara Municipal de Pinhel: Colóquio Nossa Senhora do Rosário de Fátima em Pi-

nhel

### 13 e 14 de Julho

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Congresso Internacional

Cartógrafo de Memórias. A poética de João Paulo Borges Coelho

### 26 e 27 de Setembro

UNESP – Assis: V En-

contro Luso-Afro-Brasileiro: *As Mulheres e a Imprensa Periódica*

### 28 de Setembro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Colóquio Oitenta Anos de *Claridade*

### 19 e 20 de Outubro

Universidade de Évora: I Simpósio A cal na arte e no património edificado

### 20 e 21 de Outubro

Auditório da Universidade

Fernando Pessoa: Congresso (Re)Visões de Fátima

### 23 a 25 de Outubro

Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal: Congresso Internacional 1867 - Um Ano de Gigantes. Raul Brandão, António Nobre, Camilo Pessanha

### 20 a 22 de Novembro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: III Congresso Internacio-

nal do Tardo-Gótico: Da Traça à Edificação (séculos XV e XVI)

### 4 de Dezembro

Biblioteca Nacional de Portugal: Colóquio Francisco de Holanda: *Obra e Pensamento*

### 14 a 16 de Março de 2018

Porto: ECOCRITICISM 2018 – International Conference on Literature, Arts and Ecological Environment

## COMUNICAÇÕES

### 6 de Junho

Fondation Calouste Gulbenkian – Délégation en France: Catherine Dumas. «Le cycle du cochon dans l'œuvre d'Agustina Bessa-Luís et de Graça Morais: rituels initiatiques et sacrificiels»; Isabel Ponce de Leão, «Jeux de ficelle (à propos d'Agustina et Graça Morais) / A Cama do Gato (A propósito de Agustina e Graça Morais)», no âmbito do Colóquio Internacional Graça Morais. *Le mythe et la métamorphose*

### 14 de Junho

Colégio do Espírito Santo (Universidade de Évora): Luísa Gama, «O caso dos presos nas políticas sociais da Intendência Geral da Polícia de Pina Manique: objectivos, práticas e resultados», no âmbito do Seminário Pobreza e Políticas Sociais: abordagens comparativistas

### 19 de Junho

Palácio da Independência: Riccardo Campa, «La literatura latinoamericana del esulismo y del destierro»

### 16 de Junho

Gran Rapids (Michigan): Ana Alho, «The superior hydraulic system in the Gothic sacred architecture. Case studies in Lisbon», no âmbito do Congresso Internacional Water History 2017

### 20 de Junho

Arquivo Distrital de Setúbal: Daniel Pires, «A cultura setubalense no tempo de Bocage vista por viajantes estrangeiros», no âmbito do Colóquio O Teatro em Setúbal. *Artistas, Agentes e Espaços do século XVIII*

**21 de Junho**

Centro Cultural Paulo VI: Carlos Filipe, «Santuário de Fátima: mármore alentejanos entre a arte e a história», no âmbito do Congresso Internacional do Centenário de Fátima. Pensar Fátima

**22 de Junho**

Centro Cultural Paulo VI: José Eduardo Franco e Bruno Cardoso Reis, «Fátima, de lugar sagrado nacional a lugar sagrado global», no âmbito do Congresso Internacional do Centenário de Fátima. Pensar Fátima

Biblioteca da Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Carlos Cabecinhas, «Fátima, um Santuário Global», no âmbito do Seminário Permanente de Estudos Globais

Sala de S. Pedro – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: Lina Santos Mendonça, «A variação no romance da tradição oral moderna portuguesa 'Perseguição de Búcar pelo Cid, uma perspectiva de análise», no âmbito do V Congresso Internacional do Romanceiro

**23 de Junho**

Centro Cultural Paulo VI: Joaquim Franco, «Fátima,

deusa e mãe? Um caso mediatizado na experiência "hindu" portuguesa»; Aires Gameiro, «Modelo pastoral das aparições de Fátima: aspetos psicossociais, espirituais e teológico-pastorais em paralelo com outras marifanias aprovadas», no âmbito do Congresso Internacional do Centenário de Fátima. Pensar Fátima Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Ana Paiva Morão, «Uma leitura do sentido do romance *Bernal Francês*», no âmbito do V Congresso Internacional do Romanceiro

**28 de Junho**

Auditório Paulo Quintela, Bragança: Ernesto Rodrigues, «O espírito do lugar na criação literária», no encerramento do ano lectivo de 2016/2017 da Universidade Sénior do Rotary de Bragança

**29 de Junho**

Sede da UCCLA: Annabela Rita, «Do verbo lusófono: entre terra e mar»; Ana Mateja Rozman, «Antologias Luso-Eslovenas inacabadas», no âmbito do X Encontro de Escritores Moçambicanos na Diáspora

**1 de Julho**

Museu Militar de Elvas: José Ribeiro, «Fortificações de Elvas: essas ilustres desconhecidas», no âmbito do 1.º Ciclo de conferências História, Arte e Património da Raia Alentejana. Novas perspectivas para o estudo do edificado da cidade de Elvas

**2 de Julho**

Torre de Dona Chama: Alexandre Parafita, «O Património Imaterial: 'O rosto e alma de um povo'», no âmbito 28º aniversário de elevação a vila de Torre de Dona Chama e do 730º aniversário da atribuição do primeiro foral de D. Dinis à vila de Torre de Dona Chama

**5 de Julho**

Teatro Municipal Baltazar Dias: Rui Carita, «Diáspora»; João Baptista Pereira Silva, «Calçada madeirense: praias citadinas e rurais bordadas a preto e branco», no âmbito do ciclo de Conferências do Teatro: Madeira de A a Z 2017, sessão subordinada à temática Dia da Região e das Comunidades Madeirenses

**10 de Julho**

Biblioteca da Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Onésimo Teotónio Almeida, «Haverá uma ética para a idade global? Possibilidades, dúvidas e alguns condicionamentos», no âmbito do Seminário Permanente de Estudos Globais

**11 de Julho**

Pestana Casino Park Hotel: Rui Carita, «Matriz cultural e económica da Macaronésia: uma história com futuro», no âmbito das Conferências do Mar. Crescimento Azul. A Madeira, as regiões ultraperiféricas e o Atlântico

**13 de Julho**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Ana Paula Tavares, «João Paulo Borges Coelho, Literatura, Memória e História. Novas formas de dizer o passado no presente»; Maria do Carmo Mendes, «“Os homens são como as árvores”: o tradicional e o moderno em João Paulo Borges Coelho», no âmbito do Congresso Internacional Cartógrafo de Memórias. A poética de João Paulo Borges Coelho

Auditório da Câmara Municipal de Pinhel: José Júlio Pinheiro, «Mensagens várias de Fátima»; Augusto Moutinho Borges, «Nossa Senhora de Fátima nos registos azulejares em Portugal», no âmbito do Colóquio Nossa Senhora do Rosário de Fátima em Pinhel

**14 de Julho**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Carmen Lucia Tindó Secco, «Cenografias e cinegrafias do olhar e da memória»; Marco Bucaioni, «João Paulo Borges Coelho lá fora: tradução e recepção da obra ficcional em Itália», no âmbito do Congresso Internacional Cartógrafo de Memórias. A poética de João Paulo Borges Coelho

**22 de Julho**

Museu José Malhoa: participação de Fátima Mendonça, Ana Paula Tavares e Mário Tavares na mesa-redonda «Manuel Ferreira, quem és?», no âmbito das comemorações do centenário do escritor Manuel Ferreira

**9 de Setembro**

Auditório do Convento do Espírito Santo: Joana

Balsa de Pinho, «Dinâmicas confraternais seiscenistas na Misericórdia de Loulé: assistência, culto e cultura», no âmbito do Encontro de História de Loulé

**17 de Outubro**

Auditório da PUCRS: participação de Vania Pinheiro Chaves, juntamente com Ana Pizarro, Célia Regina Pinto e Eliane Robert Moraes, na mesa-redonda História de Presença de Mulheres no âmbito do XII Seminário Internacional de História da Literatura: Escritas e Experiências Contemporâneas

**19 de Outubro**

Auditório da PUCRS: participação de Sérgio Nazar David, juntamente com Hélio Seixas Guimarães e Eurídice Figueiredo, na mesa-redonda Escritas Contemporâneas e Propostas Renovadoras em História da Literatura, no âmbito do XII Seminário Internacional de História da Literatura: Escritas e Experiências Contemporâneas

**20 de Outubro**

Auditório da Universidade Fernando Pessoa:

- José Eduardo Franco, «Aparições e distorções: antifatimismo e leituras divergentes do fenómeno de Fátima»; Annabela Rita, «Fátima e a Identidade Nacional»; Miguel Real, «Explicações heterodoxas para as Aparições»; Raul Berenguel, «A ‘Dança do Sol’ e os efeitos físicos nas ‘aparições’», no âmbito do Congresso (Re)Visões de Fátima
- 21 de Outubro**  
Auditório da Universidade Fernando Pessoa: José Brissos-Lino, «Os processos de culpa, simonia e alívio na devoção fatimida»; Joaquim Franco, «Fátima: a reconstrução de um fenómeno religioso no deslumbramento mediático»; Isabel Ponce de Leão (UFP), «Fátima nas artes e na literatura», no âmbito do Congresso (Re)Visões de Fátima
- Scuola Internazionale di Specializzazione con la Procedura Immaginativa: Maria Antónia Jardim, «Hermeneutics and symbolism», no âmbito da 2th International Conference on Waking Dream Therapy: Emerging pathologies, methodological developments and applications

## SEMINÁRIOS À HORA DO ALMOÇO

- 19 de Junho**  
Sessão CXLV: Riccardo Campa: «O perfil italiano da Cultura Europeia»
- 26 de Julho**  
Sessão CXLVI: Doutor Moizes Sobreira, «Os romances da biblioteca da rainha Carlota Joaquina»
- 28 de Junho**  
Sessão CXLVII: Vítor Silva, «A robotização do mundo e a utopia da constituição de uma aristocracia global»
- 30 de Junho**  
Sessão CXLVIII: Américo Aguiar, «A recuperação do património religioso em Portugal: o caso de sucesso da Torre dos Clérigos»
- 3 de Julho**  
Sessão CXLIX: Paulo de Assunção, «José Figueiredo de Seixas e o Tratado de Arruação: dimensões do urbanismo português»
- 12 de Julho**  
Sessão CL: Luis Girón Negrón, «La alcahueta en el Edén y otras leyendas midráshicas: la Biblia romanceada de rabí Moshe Arragel»
- 14 de Julho**  
Alexandre Luís, Annabela Rita, Carla Luís, Dionísio Vila Maior, Fernando Cristóvão, José Eduardo Franco, Miguel Real, Paulo Osório, «Língua Portuguesa e Inovação»
- 17 de Julho**  
Sessão CLI: Josineide Santana
- 19 de Julho**  
Sessão CLII: Gislaïne Valadares
- 26 de Julho**  
Sessão CLIII: Marco Daniel Duarte, «Fátima: Arquitetura, Arte e Iconografia»

## APRESENTAÇÃO DE LIVROS

### 14 de Junho

Espaço AJE (Lousada): *Fátima, lugar sagrado global*, de José Eduardo Franco e Bruno Cardoso Reis

Abrantes: *Fabricar a Inovação*, coordenado por Annabela Rita e Fernando Cristóvão

### 22 de Junho

Museu Nacional de Arte Antiga: *Cores na Cidade, Azulejaria da Estrela / Colours in Town, Tiles from Estrela*, de Augusto Moutinho Borges, apresentado por António Filipe Pimentel

### 28 de Junho

Menina e Moça Bar e Livraria: Juva Batella, *A Língua de Fora*, apresentado por Manuel Monteiro  
Livraria Flâneur: *Ouvir a Palavra*, de Maximiano Gonçalves, apresen-

tado por Isabel Ponce de Leão

### 29 de Junho

Igreja do Convento dos Dominicanos: Obra Seleta do Professor José Augusto Mourão, *O Vento e o Fogo, A Palavra e o Sopro e O Espelho e o Eco*, por Bragança Miranda, Frei Bento Domingues, Guilherme d'Oliveira Martins e Maria Augusto Babo

### 7 de Julho

Salão Nobre do Teatro Municipal Baltazar Dias: *Os Tesouros da Ilha*, de Luísa Paolinelli e coordenado por Cristina Trindade

### 13 de Julho

Universidade Católica – Porto: *Terra Batida*, de Telmo Ferraz, apresentado por Henrique Manuel Pereira, *O Homem*

*que do lodo fez estrelas*, organizado por Henrique Manuel Pereira, apresentado por Júlio Magalhães, *À volta do Padre Baptista. Entrevista por Henrique Manuel Pereira*, apresentado por Fernando de Almeida

Auditório da Embaixada do Brasil em Lisboa: *José d'Almeida Cabral. O último modinheiro do 2º Império do Brasil*, de Luíza Sawaya

### 24 de Julho

Fundação Calouste Gulbenkian: *A Anatomia do Presente e a Política do Futuro: Portugal, a Europa e a Globalização: Portugal, a Europa e a Globalização*, do Padre Manuel Antunes e organizado por José Eduardo Franco, apresentado por Eduardo Lourenço e Guilherme d'Oliveira Martins

Edição: Ernesto Rodrigues e Luís Pinheiro